

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA ABORDAR QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM UMA TURMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva – UFAL – masc@fapeal.br

GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n. 18

Agência Financiadora: CNPq

INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, pesquisadores da área de linguagem, sobretudo lingüistas, vêm desenvolvendo investigações científicas com o objetivo de identificar, descrever e analisar fenômenos de variação lingüística que ocorrem nas diversas regiões brasileiras, e com isso conhecer a diversidade lingüística existente. Tais pesquisas demonstram que a Língua Portuguesa usada no Brasil não é uniforme, mas constituída de muitas variedades.

Como resultado dessas pesquisas, já aparece nos documentos que orientam o Ensino Fundamental (Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN) a indicação explícita para que sejam trabalhadas em sala de aula questões que têm como foco a variação lingüística, como podemos constatar, a partir da citação a seguir, extraída dos PCN quando apresentam os objetivos do ensino de Língua Portuguesa a serem alcançados por alunos do Ensino Fundamental:

Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participa (PCN, 2001,p.41).

Além desse objetivo, também se espera que o aluno “seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados”, ou seja, espera-se que os alunos não somente conheçam as variedades da língua materna, mas também que combatam o preconceito que existe contra as formas populares em oposição às formas utilizadas por grupos socialmente prestigiados (PCN, 2001,p.52).

¹ Doutorado em Lingüística, Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Linguagem, Ensino e Formação de Professores” do PPGE/CEDU/UFAL, Coordenadora do projeto “A Variação Lingüística na Sala de Aula”, financiado pelo CNPq-PIBIC 2005-2006, com participação da bolsista Naila Lins da Silva. Participante também do Grupo de Pesquisa “Teorias e Práticas na Educação de Jovens e Adultos”. Coordenadora e Professora do Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas

Entretanto, mesmo diante dessa orientação e da existência de muitos estudos sobre o tema variação lingüística (BORTINI-RICARDO 2001,2004; BAGNO 1999, 2004; VANDRESEN 1974; entre muitos), bem como da constatação de que esse tema já circula em listas de conteúdos de Língua Portuguesa para concursos públicos das mais diversas funções, ainda são poucas as investigações voltadas para as questões pedagógicas, ou seja, para a questão de como está sendo abordada em sala de aula a variação lingüística por professores do Ensino Fundamental, sobretudo por aqueles que trabalham na Educação de Jovens e Adultos, levando em conta que esse tema é bastante complexo, uma vez que envolve questões de identidade, estigma, discriminação, preconceito, norma, prestígio social e muitos outros. Temas que quando não abordados de uma forma adequada, em vez promover a conscientização e o avanço da cidadania, podem gerar preconceitos e constrangimentos. Isto significa que é imprescindível que a escola conheça, respeite e trabalhe as variedades lingüísticas de prestígio e também as variedades usadas pelos aprendizes no seu dia-a-dia.

No entanto, o que se observa, por um lado, é um desconhecimento ainda muito grande em relação à forma de abordagem dos fenômenos de variação lingüística em sala de aula; e por outro, a existência de milhões de brasileiros usuários de variedades estigmatizadas, que foram ao longo dos tempos excluídos, inclusive, de uma educação lingüística formal, dentre estes, a grande maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Diante disso, pretendemos investigar como os professores do Ensino Fundamental, que trabalham em turmas da EJA, estão trabalhando, não somente as variedades lingüísticas de prestígio, mas também as variedades populares, sobretudo as variantes dos alunos, que quase sempre se distanciam da variedade de prestígio no que diz respeito a alguns aspectos formais.

Escolhemos a Educação de Jovens e Adultos porque há poucos estudos nessa área, abordando questões metodológicas referentes ao ensino da Língua Portuguesa. Além disso, essa mesma pesquisa está sendo desenvolvida por outra integrante do grupo de pesquisa, que faz a investigação com uma turma de 4^a série do ensino fundamental infantil no turno vespertino.

Para dar conta do nosso objeto de estudo, pretendemos responder as seguintes questões: que procedimentos pedagógicos são utilizados por professores do Ensino Fundamental que trabalham na Educação de Jovens e Adultos para trabalhar as questões

relativas à variação lingüística, como variedades de prestígio, variedades populares, dialetos, norma, gírias, estigma, preconceito, bem como as variantes dos alunos? De que forma o/a professor(a) intervém quando os alunos utilizam variedades estigmatizadas? Para tanto, tomamos por base estudos fundamentados na sociolingüística variacionista, sobretudo, nas pesquisas desenvolvidas por Bagno (1999,2004); Bortoni-Ricardo (2001,2004), Gagné (2002), entre outros.

Pretendemos com isso conhecer os principais procedimentos pedagógicos utilizados por professores da EJA, para trabalhar questões de variação lingüística em sala de aula; e com isso contribuir, por um lado, para combater o preconceito contra às variedades populares; e por outro, para melhorar a prática de ensino em relação aos fenômenos de variação lingüística.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, nesta etapa, teve como espaço de investigação uma sala de aula da EJA, da 3ª etapa, que equivale a 4ª série do Ensino Fundamental, cujas aulas ocorrem no turno noturno, em uma escola da rede municipal de ensino, localizada na capital do Estado. A escola possui uma boa estrutura, têm uma biblioteca com vários acervos literários, gêneros diversos, jornais, livros e revistas, cuja utilização desse acervo é oportunizada a alunos e professores sempre que desejarem.

Com relação ao período de permanência na escola começamos no mês de setembro, no dia 26/09/05 e fomos até o mês de dezembro, dia 01/12/05, perfazendo um total de seis semanas de observação, num total de 24 horas, sendo 4 horas por semana, em dois dias.

Para a coleta de dados, foram feitas observações em sala de aula, bem como o registro diário dessas observações. E como abordagem metodológica, adotamos a pesquisa qualitativa, porque buscamos a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Esse tipo de pesquisa enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Dentre as várias possibilidades de pesquisa qualitativa, optamos pela pesquisa etnográfica e também pelas orientações da sociolingüística educacional que apresenta

um aparato metodológico pertinente para o nosso tipo de investigação, inclusive, orientações de como realizar a coleta de dados numa abordagem variacionista.

Defendemos que a investigação sobre os procedimentos pedagógicos da variação lingüística em sala de aula necessita dessas duas abordagens metodológicas porque o fenômeno estudado ocorre na interface lingüística/educação. E optamos também pela abordagem etnográfica porque ela combina vários métodos de coleta que podem se articular com os métodos da sociolingüística, dentre estes, a observação direta das atividades na realidade a ser investigada.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para investigar os procedimentos metodológicos, utilizados por uma professora da EJA de turma de 3ª etapa, para abordar questões de variação lingüística, listamos o que poderia contribuir para um maior entendimento do objeto estudado. Nesse sentido, decidimos que seria relevante também observar o dia-a-dia na sala de aula, vendo o perfil de seus atores, e alguns aspectos do contexto escolar de forma mais ampla, para que a partir dessas observações, pudéssemos compreender melhor como se desenvolve a ação pedagógica com relação ao trabalho ou não em sala de aula sobre as questões de variações lingüísticas e também compreender que fatores estariam (ou) influenciando tais ações pedagógicas.

No ambiente escolar, pensamos em observar se a escola dispõe de acervos literários, e se houvesse, quais as possibilidades de utilização desse acervo. No ambiente de sala, voltamos a nossa atenção para os procedimentos metodológicos utilizados pela professora para abordar questões relacionadas à variação lingüística.

Com relação à professora, observamos suas intervenções e estratégias em relação às variedades populares, o seu estilo interacional (se é simétrico ou assimétrico, flexível ou inflexível), se trabalha o currículo visando a realidade do aluno, a postura/conduita e expressões nos eventos de oralidade e letramento relacionados à variação lingüística, se trabalha com textos que visam a variação lingüística intencionalmente ou não e a forma como intervém quando os alunos escrevem ou falam variedades lingüísticas desprestigiadas pela sociedade dita “cultura”. Para os alunos, destacamos que seria importante observar seus comportamentos e expressões nos

eventos de oralidade e de letramento entre o aluno e o professor e entre os alunos entre si.

Para a elaboração do perfil do aluno, observamos os seguintes aspectos: procedência rural, urbana ou rurbana, idade, origem, situação socioeconômica no que diz respeito ao trabalho, quantas vezes estudou, quanto tempo ficou sem estudar e porque voltou a estudar.

A partir do material coletado, percebemos que a maioria dos alunos reside nos bairros periféricos da cidade e que grande parte tem origem no interior do estado de Alagoas, sendo portanto usuários de variedades rurbanas, ou seja, variedades lingüísticas, cujos usuários apresentam algumas marcas lingüísticas características de comunidades rurais ou interioranas, mas que também já incorporaram na sua fala marcas do dialeto urbano. Pudemos constatar também que os alunos têm entre 15 e 45 anos de idade. A maior parte da turma, cerca de 85% é constituída por trabalhadores autônomos que declararam ter parado de estudar quando pequenos para ajudar aos pais na renda familiar.

Os alunos voltaram a estudar para aprender mais, ser alguém na vida e arrumar um emprego formal, como diz um aluno em sua fala: “*pra vê se as coisas melhoram, pra ver se eu passo num concurso*”² (A3, 40 anos).

No que diz respeito ao perfil da professora, lançamos um olhar para os seguintes elementos: procedência rural, urbana ou rurbana, lugar de moradia, situação socioeconômica e cultural, formação inicial, formação continuada, período de formação e causas de ingresso no magistério.

Com base nas conversas ocorridas durante o período de observação, pudemos constatar que a professora nasceu em uma cidade do interior da Paraíba. Coursou o científico, formou-se em Pedagogia, em uma instituição federal, participou do programa PIBIC por dois anos e fez especialização em formação de professores. Seu ingresso no magistério, segundo ela, aconteceu por um acaso, através de uma amiga que estava precisando de uma professora.

Vale ressaltar que, nesta pesquisa, fizemos a observação em uma turma da EJA, especificamente nos dias destinados às aulas de Língua Portuguesa. Nosso papel era de observador participante, método de observação que não oculta a identidade do

² Os diálogos dos alunos e da professora estão destacados em itálico, para diferenciar da fala dos teóricos e da pesquisadora.

pesquisador nem os objetivos de estudo, que é revelado ao grupo pesquisado desde o princípio.

Na observação das aulas, o instrumento utilizado foi o registro escrito. Nossas relações com o grupo pesquisado foram satisfatórias, porém, no início, os alunos ficaram um pouco desconfiados com nossa presença, mas após uma semana, pudemos fazer o registro das aulas sem problemas.

Geralmente, as aulas começavam às 19h30min. Os alunos aglomeravam-se do lado de fora da escola até o portão ser aberto às 19:00h. Conversando com a professora, ela informou que havia 22 alunos matriculados, mas frequentemente o máximo de alunos que aparecia nas aulas era entre 07 e 12 alunos por dia. Com isso, percebemos que cerca de 50% ou menos comparecia as aulas.

Um fato que nos chamou atenção era a rotatividade de alunos nas aulas. Constatava-se que os alunos presentes em dia eram diferentes daqueles que compareciam no dia seguinte, que por sua vez também era diferente daqueles que viriam no terceiro dia, ou seja, os alunos que compareciam numa determinada semana eram diferentes dos alunos que compareciam na outra semana, além do que a matrícula para os alunos de jovens e adultos é constante, durante todo o ano letivo. E com isso, a qualquer momento pode apresentar-se na sala de aula um aluno novato.

Observando as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora nas aulas, percebemos que em se tratando de questões de variação, suas intervenções pareciam não serem baseadas em pressupostos teóricos da sociolinguística, mas com base na própria experiência e/ou na gramática normativa. Na explanação do assunto, a professora se preocupava muito com a forma que pronunciava as palavras para os alunos, caprichava nos “ss”.

Verificamos também que nas aulas de língua portuguesa, a maior preocupação da professora era fazer com que os alunos aprendessem a escrita padrão, e assim, trabalhava alguns casos de variação, sobretudo aqueles casos que ocorrem por interferência da fala na escrita, na base do isto está “certo” e isto está “errado”, ou reescreva as palavras “erradas” tornando-as “corretas”, porém quase não havia discussão em torno das questões linguísticas e nem dos possíveis fatores extralinguísticos que poderiam interferir naqueles usos.

Porém, diferentemente do que ocorria em relação à hora do trabalho com as questões de linguagem que parecia haver “uma assimilação passiva” na base do “certo ou errado”, quando o assunto trabalhado não focava questões linguísticas percebia-se

que os alunos, além de prestarem muita atenção a tudo que a professora falava, também faziam muitos comentários, exemplificando com fatos do seu dia-a-dia. relatavam suas próprias experiências vividas ou falavam algum exemplo que aparecia na televisão para ilustrar a temática.

Para ilustrar essa forma de participação dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, vamos apresentar a seguir dois trechos de aulas observadas. O primeiro procura mostrar um diálogo entre a professora e os alunos em uma aula que não tem como foco questões lingüísticas; e um segundo diálogo a partir do qual pode-se focar algumas questões de linguagem.

O primeiro trecho foi extraído de uma aula de Língua Portuguesa observada no dia 16/11/05, cujo tema abordado foi a escravidão do negro no Brasil, que foi trabalhado da seguinte forma: a professora pediu que os alunos abrissem o livro didático (Viver, aprender: educação de jovens e adultos) na página 05 e que lessem o texto em voz baixa. Passado uns dez minutos, a professora começou a conversar com os alunos sobre o que dizia o texto, fazendo uma comparação com os dias atuais:

[...]

P. – *Na opinião de vocês, em relação ao negro mudou alguma coisa daquele tempo?*³

A1. – *mudou no papel, mas na realidade ainda há preconceito.*

A4. – *Tem pessoas negras que entram numa loja e não é bem atendida como um branco.*

A5. – *Tem genti que acha até que é ladrão.*

P. – *Tem alguma coisa haver esse tipo de preconceito com o fato dos negros terem sido escravos antes?*

A5. – *Hoje em dia ainda é pior porque o preconceito é com a idade, o pobre, o negro, o velho, a pessoa tem que ter boa aparência. Tem muito jovem que tem diploma mas na prática não sabe.*

Nesse momento, os alunos fizeram uma pausa no diálogo e a professora falou um pouco sobre as leis que existem no nosso país sobre os preconceitos e discriminações contra os negros. Em seguida retomou a aula.

³ Significado dos códigos: P= professora; A1= aluno 1, A2= aluno 2 (etc).

A5. – *Só o negro da C&A que aparece nas propagandas.....(risos).....até na novela o papel do negro é de domestica...(risos)...*

P. – *As cotas na universidade de certa forma é uma maneira de discriminar os negros, deveria haver cotas para os pobres e não para negros. Não é o negro que precisa, mas o ser humano que precisa de uma oportunidade. A discriminação maior é entre pobres e ricos, por isso que eu acho que deveria haver cotas para pobres.*

A professora, com base no livro didático Viver e aprender, leu e comentou alguns direitos humanos que estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em seguida, os alunos retomaram o turno da conversa e continuaram a discussão:

A5. – *Só existe no papel né professora, porque aqui num diz que é direito de todos?*

P. – *É.*

A4. – *Professora a senhora viu a reportagem do presídio hoje que degolou um homem e jogaram a cabeça no lado de fora?*

P. – *Vi.*

A5. – *Isso é ser humano uma coisa dessa? Só Deus tem o poder de tirar a vida.*

P. – *Será que esses direitos humanos é respeitado? Hoje a questão da LIBERDADE, direito de ir e vir, não temos, pois, saímos de casa e não sabemos se voltamos, então não temos o direito de liberdade por completo.*

Nesse momento, alguns alunos relataram que já foram revistados pela polícia na rua e na entrada do presídio quando foram visitar alguns familiares, e disseram que foi muito constrangedor.

P. – *Hoje a vida não tem mais valor né ?*

A1. – *Ter até tem né professora, 50 centavos, 1 real, 1 cigarro....*

Com base em Bortoni-Ricardo (2004), constata-se que no diálogo acima os alunos têm acesso ao piso conversacional. São ouvidos com atenção e suas

contribuições são bem aceitas. A professora estimula as idéias dos alunos, ouve suas intervenções atentamente e acredita no desempenho dos alunos. Constatou-se que toda manifestação da professora em relação à fala dos alunos é acompanhada de um reforço verbal ou de gestos de confirmação ou negação.

A partir da observação, pudemos constatar que os eventos de oralidade dos alunos em sala de aula eram em sua maioria informais e espontâneos, enquanto que os eventos de leitura e escrita eram planejados pela professora, que por sua vez, monitorava sua linguagem, dando a impressão de que o desenvolvimento da prática da linguagem nos eventos de letramento podia ser transferido para os eventos de oralidade.

Após cinco semanas de observação de aulas de Língua Portuguesa, sentimos falta de um trabalho mais voltado para as questões de linguagem, sobretudo que de certa forma abordasse as questões da variação lingüística. Diante disso, em conversas e discussões com o grupo de pesquisa, achamos que seria necessário elaborarmos um plano de aula que contemplasse algum tipo de variedade lingüística.

Assim, após dias realizando a observação, começamos a elaboração de um plano de aula com textos que enfocassem algum tipo de variedade lingüística. A idéia foi a seguinte: elaborar um plano de aula com textos de Maurício de Souza sobre a linguagem utilizada pelo personagem Chico Bento. Conversando com o grupo de pesquisa, decidimos que apresentaríamos para a professora apenas os textos a serem utilizados por ela na aula e deixaríamos em aberto os seguintes itens: conteúdo, objetivos, metodologia e estratégias, já que a aula seria ministrada pela professora.

Nossa primeira intenção ao escolher esse personagem era confrontar a fala do Chico Bento que usa uma variedade de língua popular com o português que os alunos aprendem na escola e com suas próprias falas, já que a maioria era procedente da zona rural de municípios distantes da capital.

O segundo motivo levado em conta na escolha desse personagem é o tipo de linguagem utilizada nas histórias, que mostra que o protagonista é o típico caipira do interior. A visão de caipira, como o menino que mora na roça, fala uma variedade de língua popular, anda descalço, conversa com os animais e gosta da natureza, é como se fosse uma comparação que o autor faz embasado em determinado período da História para os dias atuais. Ele usa uma maneira de falar semelhante a milhões de brasileiros do interior. Além do que dissemos, Maurício de Sousa retrata neste personagem, não

somente o menino ingênuo do campo, como chama a atenção para as diferenças dialetais encontradas na cultura brasileira que são quase sempre vítimas de preconceitos.

No primeiro momento da aula, percebemos que as falas, tanto da professora como dos alunos, tinham um toque de preconceito quanto ao falar de Chico Bento e de outras pessoas que falam da mesma maneira. A partir da fala dos alunos, percebe-se que eles têm vergonha da própria forma de falar, dizem que falam diferente das “pessoas da sociedade” que falam “corretamente”.

O texto de Maurício de Souza utilizado para a aula foi o seguinte⁴:



⁴ www.turmadamonica.com.br



Copyright © 2004 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os d

Vejamos um pequeno trecho da aula que foi desenvolvido pela professora. A professora inicia comentando sobre alguns personagens de histórias em quadrinho como Magali, Mônica, Cascão e Chico Bento. Em seguida, pede que os alunos leiam o texto em silêncio. Depois, solicita que os alunos marquem no texto as “palavras erradas” e reescrevam no caderno como seria a escrita correta. Feito essa atividade, começa a ler o texto junto com os alunos em voz alta, quadrinho por quadrinho, comentando as diferenças lingüísticas “o chamado erro de português”:

[...]

P. – *Exatamente. Peguem um lápis e marquem as palavras erradas a palavra **vô**, a **genti** já descobriu que tá errado, e **iscola**. Por que iscola tá errado?*

AT. – *Porque não é com /i/, é com /e/.*

P. – *Isso. ocê é o que? Você né? Faltou o quê?*

AT. – *O /v/.*

P. – *Depois de você tem o quê?*

AT. – *Istudô.*

A2. – *É com /e/.*

A1. – *E coloca também o acento aí.*

P. – *O que é que a genti vai concertar aí?*

A3. – *Bota o /e/ no lugar do /i/ e tira o acento e bota o /u/.*

P. – *Muito bem, estudou. Depois?*

A5. – *Pra prova, seria para a prova.*

P. – *Ao invés de pra colocar para. Eita, esse ta aí ta certo?*

A2. – *Não. Esta tudo aqui mãe.*

P. – *Seria está tudo aqui mãe.*

A2. – *A genti tem uma mania de **falá** assim mais o certo é esse, está.*

A9. – *O pessoal que mora em São Paulo é difícil fala palavras errada.*

A1. – *Carne é ca**R**ni.*

A2. *Eduardo é Edua**R**do.*

P. – *Sim, é diferente mais, não significa dizer que lá está certo e aqui esta errado não. É diferente.*

A5. – *ISSO **AQUI É DHI MÃE**, eles falam assim.*

P. – *Dhi mãe, Dhi Anísio, Dhi Anatelza, Dhi Josilda. Cada região, localidade fala diferente.*

A6. – *Agora: **OCÊ, ONTONTE**.. (risos entre os alunos)*

P. – *Ah... aí já... (risos). Depois vem a mãe falando. O que é que a mãe diz?*

AT. – *Boa sorte **fio**.*

P. – *Ela errou fio né? Como é que se escreve? Faltou o L, H a genti escrevi assim: filho. Mas existe essa palavra aqui, Fio?*

AT. – *Existe.*

P. *É o quê?*

AT. – *Fio de energia.*

P. – *É a mesma história do vô né, mas ele esta errado, não é que a palavra não exista, mais ela esta sendo usada de forma errada.*

[...]

P. – *É aquela história né, da **cráudia**, da **frôr**. Tem genti que fala assim, e olhe que não são caipiras, mais geralmente são pessoas que vieram do interior, da roça.*

A3. – *Assim que eu cheguei aqui me corrigiram tanto, porque minhas palavras era de interior, aí diziam: não é assim não, é assim. Chega dava raiva véi.*

(Risos dos alunos)

A1. – *Aí você dizia: a boca né minha? Eu falo do jeito que eu quero. (risos dos alunos).*

A4. – *Tem que agradecer por alguém esta corrigindo!*

A3. – *Mas eu achava ruim, eu não gostava não.*

A4. – *e hoje? Você não agradece não?*

A3. – *A, hoje eu agradeço.*

[...]

Nesse trecho da discussão sobre a fala de Chico Bento, podemos notar que o preconceito quanto à fala do outro se fez presente o tempo todo. O que chama mais a atenção da professora e dos alunos é forma como as palavras estão registradas no diálogo.

Antes da atividade de sala, percebemos que a professora não fez uma discussão com os alunos sobre as questões históricas e sócio-comunicativas que permeiam a questão da diversidade lingüística. Segundo Bagno (2004), não existem formas de pronunciar mais corretas que outras e sim uma variação no modo de falar que difere conforme a época, a faixa etária, a localidade geográfica, a condição social/cultural, etc. Assim, entendemos que a língua é heterogênea e variada, e em nenhum lugar as pessoas falam da mesma forma. A variação lingüística é repercussão da variedade social, ou seja, a divisão social dá origem ao padrão popular e o culto que por sua vez tem reflexo na língua oral e escrita.

Com relação à atividade de sala de aula, a proposta pedagógica da professora para trabalhar o texto dos quadrinhos era transformar as palavras “erradas” em “certas” da seguinte forma: solicitou que os alunos lessem a história de Chico Bento e grifassem as palavras que eles consideravam “erradas” e em seguida que transcrevessem essas palavras para o caderno e tentassem escrever como seria a escrita correta. Essa proposta pode ser produtiva para o aprendizado da língua padrão, mas é preciso que haja uma reflexão sobre as adequações lingüísticas quanto às situações sócio-comunicativas para que o aluno possa compreender que existem diversas formas de falar, e com isso, aprender que não há uma variedade de língua correta, mas que todas as línguas variam.

Nas práticas de linguagem, em que os professores simplesmente pedem aos seus alunos que transformem o “errado” em “certo”, sem uma discussão sobre os fatores extralingüísticos que interferem naquela forma de falar, poderá ocorrer não uma maior conscientização sobre os usos adequados da linguagem, mas, ao contrário, um aumento do chamado “preconceito lingüístico”. Valendo ressaltar que de lingüístico tal preconceito não tem nada, pois se respalda em avaliações cujos critérios são sociais e não lingüísticos. Nesse sentido, é necessário que se abra uma discussão sobre questões

de ideologia, discriminação social, de poder, de história, de prestígio, de identidade, dentre muitas, da necessidade de se conhecer a norma lingüística, para que o aluno possa refletir e discutir na classe essas diversas formas de falar, podendo passar a reconhecer a sua variedade lingüística como sendo uma variedade dentre outras, e com isso tomar consciência de sua identidade lingüística.

Na atividade proposta a professora que abordava as questões de variação lingüística, os alunos reconheceram vários fenômenos lingüísticos nos eventos de escrita do texto e de oralidade de Chico Bento, mas não houve uma reflexão acerca da natureza desses fenômenos, sob um ponto de vista lingüístico.

Com base nas discussões que ocorreram na sala de aula entre os alunos e a professora, por ocasião da realização da atividade com o texto de Chico Bento, destacamos alguns fenômenos que faremos algumas observações, dentre estes, os que ocorrem nas palavras **genti**/gente, **iscola**/escola e **istudo**/estudo. Nesses vocábulos constata-se que a vogal *e* sofreu um processo de alteamento, passando de uma vogal média para alta, o que significa que ocorreu uma redução por ser pronunciada de maneira mais fraca, soando assim como um /i/ na palavra. Esta regra da redução das vogais acontece em, praticamente, todas as manifestações orais do português brasileiro, que por sua vez se reflete na língua escrita.

Da forma como foi encaminhada a aula, sentimos falta de uma discussão que deixasse claro para os alunos que essa maneira de pronunciar a vogal *e* como se fosse a vogal *i* é muito comum nos falares brasileiros e ocorre não somente na fala de pessoas que vieram do interior, mas também na fala de quem sempre viveu e vive nas grandes cidades e inclusive na fala de pessoas ditas “cultas” ou com muita escolaridade.

Na escrita de **vo**/vou e **istudo**/estudou, ocorreu um processo de monotongação, fenômeno que ocorre porque existe uma tendência na língua a reduzir o ditongo /ou/ em /o/, tornando assim as duas vogais semelhantes. Este fenômeno, também conhecido como assimilação, tem-se feito presente desde há muito tempo no português do Brasil e no de Portugal. Segundo Bagno (2004), há muito tempo que, o que se escreve /ou/ é pronunciado /o/, e ocorre tanto no português padrão como no português popular.

Na escrita de **fala**/falar houve um cancelamento da vibrante pós-vocálica /r/ em posição final de sílaba, fenômeno que também é muito comum entre os falantes do português brasileiro, nos falares de todas as classes sociais.

Esses exemplos mostram que as variantes lingüísticas não acontecem sozinhas, mas há um conjunto de fatores que interfere e privilegia ou não a variedade lingüística

utilizada pelo aluno, como por exemplo: padrão de vida, cultura, escolarização, status social etc. A escola preserva muito as formas de prestígio ou padrão, e assim sendo, impõe regras e normas para o aluno mudar completamente sua forma de falar e escrever, sempre prestigiando a forma padrão, em detrimento da variedade do aluno. Porém a forma de falar do aluno preserva também a sua identidade. Nesse sentido, o professor precisa ir além de um trabalho que se limite aos aspectos formais. É necessário que haja também uma reflexão acerca de outros fatores, dentre os quais, os fatores históricos, sociais, geográficos, econômicos, questões de gênero, de preconceito, de norma lingüística, entre outras.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz.? 7. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, M. Por uma Sociolingüística Militante. In: BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna**: A Sociolingüística na Sala de Aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna**: A Sociolingüística na Sala de Aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO. S. M; DELTTONI, R.do V. Diversidades Lingüísticas e Desigualdades Sociais: Aplicando a Pedagogia Culturalmente Sensível. In: COX, M. I. P; ASSIS-PETERSON, A.A. de. (Org.). **Cenas de Sala de Aula**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2001.
- GAGNÉ, G. A Norma e o Ensino da Língua Materna. In: BAGNO, M.; STUBBS, M; GAGNÉ, G. **Língua Materna**: Letramento, Variação & Ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- SOUZA, Maurício. *Turma da Mônica*. Página semanal 330, Produções Ltda, 2004. Disponível em: < <http://www.turmadamonica.com.br/>>. Acesso em: 20 de Out. 2005.
- VANDRESEN, P. Introdução. In: FONSECA, M S V; NEVES, M.F. (Org.) **Sociolingüística**. Rio De Janeiro: Eldorado, 1974.

